

## Dilma, a rainha louca: um estudo sobre *gaslighting* na revista *IstoÉ*<sup>1</sup>

Ana Daniella Fechine LEITE<sup>2</sup>  
Margarete Almeida NEPOMUCENO<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

O artigo analisa a representação de Dilma Rousseff na revista *IstoÉ* de 1º de abril de 2016. Baseado nos estudos semióticos que dizem que textos e imagens transmitem mensagens para além do discurso verbal que se propõe, ou seja, transmitem afetos além de informação, podemos dizer que, a forma como se constrói uma capa também é um meio de se construir uma imagem sobre a pessoa representada. No caso do objeto aqui analisado, foram constatados diversos artifícios que tiveram como objetivo criar a imagem de desequilíbrio emocional sobre a presidenta do país, tática conhecida como *gaslighting*, quando se distorce informações para deslegitimar a imagem feminina, colocando-a dentro de uma forma histórica de ser.

**PALAVRAS-CHAVE:** gaslighting; capa de revista; imagem e imaginário; feminismo.

### INTRODUÇÃO

Os debates sobre as questões de gênero não são novos no Brasil, mas cada dia mais a temática vem permeando novos espaços de discussão, sendo analisada por diversos outros caminhos que tentam entender, com toda sua complexidade, qual imagem da mulher vem sendo vendida na contemporaneidade. Neste âmbito, os estudos de mídia nunca deram tanta visibilidade como hoje a esta temática e há grande pluralidade de pesquisas que tentam compreender a construção midiática das experiências e corpos femininos: a publicidade que prega uma beleza única a ser desejada; as telenovelas e filmes, que colocam a mulher como o indivíduo frágil e passivo; os produtos jornalísticos, que, ao construírem relatos cotidianos, ajudam a criar saberes sobre os indivíduos representados.

Partindo do pressuposto que as produções midiáticas ajudam a construir imagens mentais em sua audiência, como defendem Lúcia Santaella e Winfried Nöth (2008), a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º período do Curso de Jornalismo da UFPB e pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia (GEM-UFPB), email: [daniellafechine\\_leite@hotmail.com](mailto:daniellafechine_leite@hotmail.com)

Coautor: Hedilberto Pessoa Berto Júnior. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela UFPB e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia (GEM-UFPB), email: [hedilbertopessoa@gmail.com](mailto:hedilbertopessoa@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia da UFPB (GEM). Email: [margaretea@gmail.com](mailto:margaretea@gmail.com)

análise aqui pretende mostrar como a capa da revista *IstoÉ*, de 1º de abril de 2016, usou diversos artifícios para associar à Dilma a imagem de pessoa desequilibrada emocionalmente, logo sem condições de continuar a governar o país, usando uma das táticas comuns do machismo e patriarcado: o *gaslighting*.

Michel Foucault (1988), em seu estudo das táticas de controle sobre os corpos e o saber das sexualidades, traça o contexto histórico das tentativas de deslegitimação da experiência feminina. De acordo com o autor, uma dessas táticas foi a histerização do corpo feminino, tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado, qualificado e desqualificado. Assim opera a lógica do *gaslighting*: para que a mulher não tenha sua presença levada a sério, ela é construída como uma pessoa histérica, logo sem direito à fala.

O termo surge, como veremos mais à frente, da peça teatral *Gas Light* e populariza-se com as suas adaptações para o cinema. O enredo conta a história de um personagem homem que altera a realidade para que a vítima, uma mulher, seja considerada por si e pelos demais uma pessoa desajustada, desequilibrada emocionalmente.

Em diversas instâncias sociais, política e culturais, esta imagem é criada para que a mulher continue à sombra de um homem e que nunca tire da figura masculina o protagonismo, uma das lógicas do patriarcado, que coloca o homem como único possível de deter o poder (o poder da fala, o poder na política, o poder de decisão, o poder econômico, o poder de liberdade, etc.).

Os produtos midiáticos são algumas dessas instâncias criadoras de saberes sobre os indivíduos. A partir de suas representações, sujeitos são legitimados como “corretos” e suas performances e experiências de vida passaram a ser controladas por regras que dizem qual o lugar da mulher e do homem na sociedade e no circuito da cultura, como destaca Guacira Lopes Louro (2008):

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (...) Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem

sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p.08)

Nesta construção, defende Tomaz Tadeu da Silva (2007), hierarquizações são estabelecidas, lógicas são perpetuadas e passam a existir ambientes propícios para cada gênero, sendo reforçada a ideia dos sujeitos “corretos”, aqueles que importam e que seguem tais lógicas de conforto, e aqueles abjetos, pessoas que trazem desconforto, que não respeitam as normas de inteligibilidade.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (DA SILVA, 2007, p.82)

O espaço da liderança e política parlamentar, dentro dessas lógicas, como veremos mais à frente, é da dominação masculina (BORDIEU, 2002). Às mulheres cabe a passividade, o lar, a vida privada, cuidar dos filhos e maridos, enquanto aos homens lhe são historicamente conferidos o mundo exterior, dos negócios, a vida urbana, a conquista dos espaços e das lideranças. Maria Rita Khel, ao analisar o cotidiano das mulheres que chegam a cargos de liderança na política, constata que essas mulheres são afetadas por uma série de questões que não fazem parte da experiência masculina, quando ocupam os mesmos espaços.

Conflitos que se abrem em várias frentes: com os companheiros de vida amorosa que, apesar de solidários, ressentem-se frequentemente da falta de disponibilidade das esposas, manifestam ciúmes e insegurança diante da súbita projeção daquelas que durante os primeiros anos de casamento tinham sido mulheres mais ou menos "normais", e demoram para encontrar um lugar que lhes pareça digno de um homem, ao lado de esposa mais poderosa que eles. A outra frente de batalha são os filhos, que disputam cada segundo do tempo disponível das mães e sempre querem mais - com toda razão, aliás, do ponto de vista de seus interesses infanto-juvenis. Por fim, há as situações difíceis próprias dos embates políticos, das duras conquistas de espaço e de autoridade junto aos subordinados e aos companheiros de projeto político que nem sempre se conformam em ter que obedecer ordens e determinações de uma mulher (KEHL, 1993 p. 03)

Em sua análise, fica claro que as mulheres, mesmo quando chegam aos mesmos postos de liderança que os homens, da mesma forma que eles chegaram, no caso, por eleições, sentem-se cobradas por um papel que lhes é socialmente concebido: a mãe, esposa, do lar. Assim, ao preencherem espaços que, segundo a regra patriarcal, não lhes são direitos possíveis, essas mulheres causam desconfortos e sua presença é encarada como ilegítima. Se é rígida na sua gestão, é considerada amarga; se cobra dos seus subordinados, é insensível; se não tem filhos ou marido, é ressentida, mal amada e incompleta.

Diante do exposto, a análise aqui proposta parte da hipótese que a construção midiática da imagem de Dilma Rousseff perpassa por todas essas questões. Primeira mulher eleita presidenta do Brasil, sua feminilidade sempre foi questionada por diversas instâncias sociais e políticas, como, por exemplo, no caso do objeto aqui analisado, que usou das mesmas lógicas patriarcais seculares – a histerização da mulher - para deslegitimar a fala da presidenta no circuito da cultura.

### **Análise da *IstoÉ***

A atual situação política no Brasil nos primeiros meses de 2016 serviu de justificativa para os constantes ataques à presidenta Dilma Rousseff. Independente da sua boa ou má atuação no Governo Federal – esta é uma avaliação que não nos cabe esclarecer aqui –, os ataques a presidenta não são, em sua maioria, direcionados ao seu desempenho profissional. Seja na rua, seja na imprensa, a condição de Dilma como mulher ocupa as principais reflexões políticas.

Segundo a socióloga Heleieth Saffioti (2001), o patriarcalismo não opera sozinho. Todos os sistemas de submissão direcionados às mulheres precisam de alguma base estrutural para se propagar ou se afixar. Muitas vezes a grande mídia faz esse papel controlador e manipulador da imagem das mulheres, ratificando um processo misógino que a luta feminista tenta desconstruir.

Seguindo essa direção e servindo como ferramenta de reafirmação de discurso, a revista *IstoÉ* imprimiu na capa do dia 1º de abril de 2016 uma imagem que levantou diversos questionamentos tanto do ativismo feminista como também dos movimentos teóricos que dão conta da temática<sup>4</sup>. Na capa (**Figura 1**), uma foto de Dilma em contexto

---

<sup>4</sup> Alguns dos debates ocorridos: CARDOSO, C. Quando a misoginia pauta as críticas ao governo Dilma. São Paulo, 2016. Disponível em: <<<http://www.geledes.org.br/quando-misoginia-pauta-as-criticas-ao-governo-dilma/>>>.

outro foi usada para dar vida à manchete: “As explosões nervosas da presidente”. A desfiguração da imagem da presidenta ganha força no interior da revista, com matéria intitulada “Uma presidente fora de si”. Louca, desequilibrada e compartilhando destempero por onde passa. Essa é a imagem crua que a *IstoÉ* propaga sobre Dilma, deixando ameaçada a sua capacidade de governar.



Figura 1 - A construção da rainha louca na *IstoÉ*

Em toda a leitura, os autores da matéria reverberam a imagem de louca da presidenta, cuja capa já trouxe com bastante exaltação. O texto introdutório da reportagem é carregado de hipérboles e frases fortes para se dirigir as atitudes de Dilma. É utilizado constantemente o recurso do exagero para adjetivar algumas ações:

Os últimos dias no Planalto têm sido marcados por momentos de **extrema** tensão e **absoluta** desordem com uma presidente da República **dominada** por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destempero, exhibe **total desconexão** com a realidade do País [...] Segundo relatos, a

SILVA, C. da. O ataque da IstoÉ a Dilma fica ainda pior quando se sabe que a autora reclamou do machismo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-ataque-da-istoe-dilma-fica-ainda-pior-quando-se-sabe-que-autora-reclamou-do-machismo-por-cidinha-da-silva/>>.

Autora da capa da IstoÉ que chama Dilma de “Maria, A Louca” é a mesma que reclamou de machismo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/autora-de-capa-da-istoe-que-chama-dilma-de-maria-a-louca-e-a-mesma-que-reclamou-de-machismo/>>.

mandatária está **irascível**, fora de si e **mais agressiva** do que nunca. (REVISTA ISTOÉ, 2016, v. 2417)<sup>5</sup>

Essa violência de gênero natural, silenciosa e camuflada que propaga o machismo com atitudes simples e cotidianas, embora carregadas de sentido, recebe o nome de *gaslighting*. Chamar uma mulher de louca justificando as suas dissidências se esclarece aqui como um tipo de violência, uma desarmonia na relação de poder.

“Tem a ver com descreditar as ideias das mulheres atribuindo descontrolado às reações emocionais que não correspondam ao que se espera delas, que são comportamentos de condescendência, gentileza, concordância, apaziguamento” (ALMEIDA, 2016)<sup>6</sup>.

Os corpos e os comportamentos das mulheres passam por um processo de normatização. Quando fogem do padrão midiático já citado acima, são desqualificadas por suas próprias ações, como foi o caso de Dilma Rousseff. Entre outras linhas, o *gaslighting* é um tipo de violência emocional, psicológica e de gênero, que se expõe através da manipulação, levando mulheres e todos que estão ao redor, acharem que ela é louca ou incapaz.

É possível atribuir à matéria da *IstoÉ* um forte exemplo de *gaslighting* não apenas pelo conjunto textual da capa, mas principalmente pelo seu conteúdo interno. Ainda no texto introdutório e, por conseguinte em todo o restante da matéria, a revista esconde as suas fontes no anonimato. Tornam-se, portanto, duvidosas e frágeis. Termos como “assessores palacianos”, “os mais próximos da presidente”, “um assessor”, “um integrante do primeiro escalão do governo”, “um presidente de uma instituição estatal”, são usados na matéria para se referir a fontes que revelam atitudes descontroladas da presidenta Dilma. Raras vezes é possível ler nomes próprios.

Como uma forma de comprovar as adjetivações de “louca” e “descontrolada” que a revista entrega à presidenta, os autores utilizam da seguinte afirmação:

Para tentar aplacar as crises, cada vez mais recorrentes, a presidente tem sido medicada com dois remédios: rivotril e olanzapina, este último usado para esquizofrenia, mas com efeito calmante. A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar. (REVISTA ISTOÉ, 2016, v. 2417)

<sup>5</sup> PARDELLAS, S; BERGAMASCO, D. **Uma presidente fora de si**. IstoÉ, São Paulo, v. 2417, 2016. Disponível em: <[http://istoe.com.br/450027\\_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/](http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/)>. Acesso em: 2 maio. 2016.

<sup>6</sup> ALMEIDA, J. **A mente violentada**. Agência Patrícia Galvão, São Paulo. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/a-mente-violentada-por-jessica-almeida/>>. Acesso em: 20 de maio 2016.



De acordo com Joanna Burigo (2016), esse fenômeno já foi conceituado de duas formas: como o já explicado *gaslighting* e como histeria. Escrever que Dilma está vivendo à base de remédios controlados e, principalmente, se preocupar em dizer que tal medicamento é usado para esquizofrenia, é um golpe baixo e perverso de ataque e desmoralização, além de ser uma tentativa de provar a incapacidade da presidenta de exercer sua função presidencial. Para a revista *IstoÉ*, Dilma precisou sair do poder por atestar loucura e histeria. “A histeria é uma neurose complexa caracterizada por instabilidade emocional” (BURIGO, 2016)<sup>7</sup>.

A partir desse contexto psiquiátrico que colocam Rousseff, podemos concluir, ainda conforme Burigo (2016), que o patriarcado e a sociedade inserida nesse sistema costumam tratar como enfermidades ou problemas de saúde mental todos os conflitos apresentados por mulheres. Isso está claramente exposto no trecho acima escrito na *IstoÉ*.

Em nenhum momento a revista revela embasamento político para fazer uma análise consistente sobre o governo da candidata do Partido dos Trabalhadores (PT). O que está realmente em jogo é a sua sanidade e como isso pode afetar a sua governabilidade e dos que estão a sua volta. Mais uma vez para tentar comprovar as afirmações de fontes anônimas, a matéria cita exemplos de descontrole de Dilma com pessoas do Congresso Nacional e seus empregados.

Não se trata, no entanto, de defender supostas atitudes agressivas da presidenta, tampouco de avaliar se a sua loucura está carregada de sentido ou não. O que se pretende é reconhecer que há uma imagem secular atribuída às mulheres de que todas elas são incapazes de exercer cargos de liderança. De acordo com Almeida (2016), o que a *IstoÉ* faz é um ataque a pessoa da presidenta e não à sua forma de governar.

O campo geral da loucura ligado às mulheres, apresenta-as como figuras do irracional, do mais mínimo destempero até o descontrole total. As mulheres são tratadas como loucas, de modo a serem diminuídas na sua capacidade intelectual e na suas potências ativas, éticas e políticas. Homens que fazem coisas muito piores não pagam de “loucos”. (TIBURI, 2016)<sup>8</sup>

Em certos momentos é possível perceber com mais afinco a fragilidade com que a revista aborda um tema delicado e ao mesmo tempo inapropriado para a ocasião. A forma

---

<sup>7</sup> BURIGO, J. **Sobre gaslighting, loucura, histeria, fascismo, mídia e machismo**. Casa da Mãe Joana, [S.l.]. Disponível em: <<http://casadamaejoanna.com/2016/04/06/sobre-gaslighting-loucura-histeria-fascismo-midia-e-machismo/>>. Acesso em: 23 de maio 2016.

<sup>8</sup> TIBURI, M. **Dilma, Janina e “gaslighting”**. Cult, São Paulo. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/04/dilma-janaina-e-gaslighting/>>. Acesso em: 23 de maio 2016.

como a matéria lida com o *impeachment* parece banal e despreziosa, já que muitas vezes atribui à presidenta o adjetivo de louca e em outras avalia a ação como uma perda pessoal, que afeta o emocional e o psicológico, como se o afastamento de Dilma representasse a morte de alguém.

O modelo consagrado pela renomada psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross descreve cinco estágios pelo qual as pessoas atravessam ao lidar com a perda ou a proximidade dela. São eles a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Por ora, Dilma oscila entre os dois primeiros estágios. Além de surtos de raiva, a presidente, segundo relatos de seus auxiliares apresenta uma espécie de negação da realidade. (REVISTA ISTOÉ, 2016, v. 2417)

Quando a imprensa utiliza artifícios como esse, o perigo ultrapassa as folhas do impresso para recair sobre uma sociedade que absorve determinadas informações a partir da naturalidade em que são vivenciadas e interpretadas. O *gaslighting*, além de ser uma prática que faz a mulher e as pessoas em volta acharem que ela é louca, é uma manipulação machista e psicológica que ocorre através dos meios de comunicação – como é o caso da revista *IstoÉ* – e do próprio cotidiano em sociedade. (TIBURI, 2016).

A prática do *gaslighting* acontece todos os dias, mas de forma camuflada e mimética. Ela se naturaliza com as relações pessoais e passa a se tornar justificativa para atitudes de mulheres. A mídia mantém a prática com completa consciência dos seus atos, mas a população não absorve com tamanha coerência, já que chamar uma mulher de louca é “natural”.

Tendo isso em vista, a revista *IstoÉ* utiliza de uma estratégia machista para tentar convencer a população de que Dilma não é confiável para estar no comando de uma nação por enfrentar problemas psicológicos. Segundo os autores da matéria analisada, não é preciso ser um profissional psicanalista para perceber que a presidenta “desmantelou-se emocionalmente”. A revista ainda completa: “um governante, ou mesmo um líder, é colocado à prova exatamente nas crises. E, hoje, ela não é nem uma coisa nem outra. A autoridade se esvai quando seu exercício exige exacerbar no tom, com gritos, berros e ofensas”. (REVISTA ISTOÉ, 2016, v. 2417).

Por fim, quando não há mais espaços para machismos, a *IstoÉ* reitera todo o discurso secular de Maria I, a Louca. No entanto, não para afirmar que essa acusação é histórica e precisa ser repensada, mas para ratificar que outras situações como a que foi relatada sobre Dilma Rousseff também já aconteceram em outros governos. A matéria é finalizada legitimando o debate de que mulher não sabe manter o controle quando está sob



pressão. No entanto, “se a dominação masculina parece estar na “ordem das coisas”, é porque a ordem social, apoiada nesta dominação, ratifica-a simbolicamente, eternizando um processo que é na realidade uma permanente (re) construção histórica.” (BETTI, 2011, p.3)

### O dom da fúria

É possível, rapidamente, fazer uma análise comparativa de casos que demonstram claramente o direcionamento do *gaslighting* para mulheres. No caso dos homens, quando a instabilidade emocional é apresentada, as dissidências são exaltadas e utilizadas como atributos. São demonstrações de confiança, poder e autoridade.

“Em virtude da ordem de gênero patriarcal, ‘machista’, dominante em nossa sociedade, são, porém, as mulheres e, em menor número, os homossexuais, que se vêem mais comumente na situação de objetos/vítimas desse tipo de violência” (SARDENBERG apud COSTA, 2015)<sup>9</sup>.

Tratamos aqui, portanto, também de um líder. Dunga, técnico da seleção brasileira de futebol.

Em matéria veiculada na revista *Época* (Figura 2), em 2010, edição de junho, Dunga estampava uma capa descontraída e dinâmica com uma manchete que estabelece claramente oposição a que foi construída pela *IstoÉ* em abril de 2016. “O dom da fúria”, é assim que atribuem aos homens os excessos de descontrole e destempero. Foi assim que a revista *Época* avaliou os picos de estresse de Dunga durante a copa de 2010, na África do Sul. O tom mais ameno, lúdico e com traços de quadrinhos, trazem completa oposição à capa da *IstoÉ*, onde a rigidez do rosto de Dilma é expressão forte e marcante.



Figura 2 - O homem tem dom, a mulher loucura.

<sup>9</sup> SARDENBERG, C. apud COSTA, N. *O Poder Simbólico e a Violência Simbólica*. Não me Kahlo, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.naomekahlo.com/#!O-Poder-Simb%C3%B3lico-e-a-Viol%C3%Aancia-Simb%C3%B3lica/c1a1n/5565451e0cf2adc1ad5ea97a>>. Acesso em: 17 de maio 2016.

No interior da matéria, com casamento perfeito entre manchete e subtítulo, as primeiras linhas já convidam o leitor para uma receita. “Como usar a raiva a seu favor” é a manchete estrategicamente utilizada para que o leitor adentre num mundo (de homens) onde descontrolado é motivo para lição. Logo abaixo, duas linhas marcam o subtítulo da matéria. A palavra “descontrole” também é utilizada pela revista *Época* para se referir às atitudes de Dunga. No entanto, agora ela vem acompanhada do conectivo “porém”, como uma forma de diminuir o impacto que a primeira leitura pode causar. A raiva de Dunga, para a grande mídia, surge como uma possibilidade de superar alguns obstáculos. “Os diversos episódios de descontrolado na Copa põem em evidência um sentimento que muitas vezes nos prejudica – mas que nos dá motivação para superar obstáculos”. (REVISTA ÉPOCA, 2010, ed. 632)<sup>10</sup>

A leitura da matéria é cercada de questionamentos. Pode-se fazer, inclusive, comparações com a matéria da *IstoÉ* para melhor analisar a discrepância de abordagens utilizadas pela mídia quando os acessos de raiva atingem homens e mulheres. Para o início da matéria, os autores trazem promessas de lições para serem adquiridas a partir de situações-limite. No futebol, a raiva é motivo de superação. Na política, tratando-se de mulher, a raiva é um sinal histórico de descontrolado emocional e natural. “Na Copa do Mundo, maior evento desse esporte (futebol), não faltam lições que podem ser aplicadas ao cotidiano de qualquer pessoa. No Mundial deste ano, uma dessas lições é a importância do autocontrole para obter sucesso em situações-limite.”

Em outro momento, é possível ler a seguinte afirmação: “Um microfone captou-o (Dunga) sussurrando palavrões dirigidos ao jornalista Alex Escobar, da TV Globo”. (REVISTA ÉPOCA, 2010, ed. 632). Em nenhum momento a matéria cita os palavrões que foram dirigidos ao jornalista, tampouco engrandece a reação de Dunga. Em seguida, traz o pedido de desculpa que o técnico dirigiu à imprensa. Ou seja, minimiza a ação, alegando que o ex-jogador de futebol se arrependeu das atitudes que tomou. Escolha editorial bem diferente da primeira matéria já analisada, quando as ações de Dilma Rousseff são intencionalmente expostas e vociferadas com força de expressão.

### **Mais sobre o termo “*gaslighting*” e outros casos**

O termo *gaslighting* surgiu em 1938 e se materializa ainda hoje na boca de muitas pessoas. A expressão se originou com a peça “Gas Light”, do dramaturgo inglês Patrick

<sup>10</sup> FONTENELLE, A, et al. **Como usar a raiva a seu favor**. Época, São Paulo, ed. 632, 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI150678-17820,00.html>>. Acesso em: 2 maio. 2016

Hamilton. O texto ganhou adaptação para o cinema duas vezes: uma nos Estados Unidos, em 1944, e outra em 1950, na Inglaterra, momento em que ganhou maior popularização. A trama da peça contextualiza a utilização do termo para atitudes machistas que buscam manipular psicologicamente e diminuir atitudes de mulheres usando essas ações contra elas mesmas. Na peça, o *gaslighting* acontece quando o marido de uma mulher muito rica pensa em um plano para ficar com todo o seu dinheiro. O rapaz manipula vários elementos da casa para que sua mulher e todos a sua volta achem que ela está ficando louca e que tudo é fruto da sua imaginação. De acordo com Almeida (2016), o *gaslighting* aqui se traduz como “um tipo de jogo em que o mais poderoso tenta definir a realidade do menos potente. Como resultado, a vítima passa a duvidar de si mesma porque permitiu à outra pessoa corroer seu julgamento”.

Num relacionamento, na política, na rua ou no bar, é possível que todas as mulheres já tenham passado por essa situação. Na mídia, elas são alvos fáceis, naturais e estratégicos. “Na medida em que uma publicação de circulação nacional reforça esse tipo de discurso ela legitima essa prática”. (ALMEIDA, 2016). Dilma Rousseff não foi a única vítima dos meios de comunicação.

Hillary Clinton, atual candidata à presidência dos Estados Unidos, recebe ataques constantes na imprensa, sendo retratada como uma mulher agressiva e assustadora, já que não se comporta de maneira “feminina” e que a diferencia de seus colegas políticos. Com a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, não foi diferente. Ela foi alvo da revista *New Statesman* com uma imagem de capa que a transformava em um ciborgue – uma criatura com partes mecânicas, cibernéticas e orgânicas. A presidente da Argentina entre 2007 e 2015, Cristina Kirchner também já foi atacada pela imprensa, que a chamou de louca e vaidosa e a reproduziu de forma sexualizada (**Figura 3**).



Figura 3 - O *gaslighting* de cada dia sobre mulheres de destaque

No entanto, qualquer mulher pode ser vítima dessa humilhação. Michele Obama também já precisou rebater publicações que a colocavam num estereótipo racista de barraqueira e que “busca confusões”. A cantora Nicki Minaj sofreu da mesma acusação. Após uma briga com a também artista Taylor Swift, Nicki foi retratada na imprensa com expressão raivosa, enquanto Taylor aparentava tranquilidade. O *gaslighting* está em todos os lugares, âmbitos e estâncias.

### **Considerações finais: um legado do patriarcado**

Essas situações de machismo enaltecidas pela mídia não recebem estudos apenas de análises. O *gaslighting* e a violência sofrida por mulheres ao serem normatizadas num padrão feminino estão fundamentados em bases teóricas que explicam porque chamar uma mulher de louca é uma violência de gênero.

Como um conceito mais amplo, a violência de gênero abrange vítimas como crianças, mulheres e adolescentes de qualquer gênero. Esse é um termo, podemos dizer, que sofre um eufemismo quando utilizado para caracterizar alguma atitude direcionada às mulheres, já que a sua abrangência é tão extensa. “Violência de gênero” é uma expressão cercada de práticas de camuflagem e mimetismos, encontradas nas páginas de revistas, nas letras dos jornais, nas manchetes dos portais de notícias e, outras vezes escancarada, sob a forma de abuso (sexual, de poder, etc.) e de denúncia. No patriarcado, o homem determina que conduta cada categoria deve se orientar. De acordo com Saffioti (2001, p. 1), a

“categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo esta necessidade de fazer uso da violência”.

Por aparecer invisível para os leitores, a violência causada contra a presidenta Dilma Rousseff é, principalmente, simbólica. Antes de compreender como essa violência se instaura é preciso adentrar no conceito de dominação simbólica. Segundo Bourdieu (1998 apud Saffioti, 2001, p. 4), a força da ordem masculina não precisa de justificação e a ordem social, a qual sobrevive também como uma máquina simbólica, ratifica a dominação masculina, através da “divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos”.

De acordo com Betti (2011), essas estruturas passam a compor a realidade social e a organizar como os indivíduos vão enxergar e representar essa sociedade. Portanto, esses

padrões são incorporados na forma de *habitus*<sup>11</sup>, ou seja, os indivíduos reproduzem as percepções através da sua forma de pensar e agir. “A reprodução dessas estruturas se dá de maneira simbólica, as estruturas e as ideias são disseminadas recebendo o nome de violência simbólica, e, muitas vezes, de gênero”. (BETTI, 2011, p.2)

Portanto, a dominação se expressa como uma violência. Sendo ela simbólica, irá se instituir através da dominação que o dominador exerce sobre o dominado, incorporada a partir de uma relação natural. “Em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto.” (BOURDIEU apud SAFFIOTI, 2001, p. 4). Logo, a violência simbólica pode ser entendida como um resultado da dominação simbólica.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta dominação paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p.3).

A matéria que abriu a primeira edição de abril da revista *IstoÉ* deixou espaço para analisar os esquemas utilizados pela mídia como mecanismo de expor uma proposta política que, nesse caso, se reverberou numa dominação-exploração de gênero.

“Faz-se necessário, contudo, atentar para o fato de que a indeterminação parcial dos fenômenos sociais deixa espaço para a operação de esquemas cognitivos capazes de tornar transparente a tela que o androcentrismo interpõe entre a sociedade e as mulheres.” (SAFFIOTI, 2001, p. 5).

As mulheres são simplesmente vítimas de uma sociedade patriarcal e machista e da mídia que utiliza essa sociedade como estratégia editorial. A naturalização desse processo é nítida, embora a sua prática seja às vezes invisível. No caso da violência simbólica sofrida por Dilma Rousseff, através de matéria da revista *IstoÉ*, há centenas de pessoas como testemunhas, mas ainda assim é pouco questionada. A aceitação dessa violência deriva, justamente, da ordem patriarcal de gênero.

A decisão da *IstoÉ* em veicular uma matéria com tamanha parcialidade trata-se ainda de um exemplo forte da manutenção do poder simbólico, conceito bem estruturado

---

<sup>11</sup> Habitus são “esquemas inconscientes de percepção e de apreciação que determinam quais comportamentos e posturas são adequados a homens e mulheres. Estas estruturas correspondem às próprias categorias de pensamento que os indivíduos utilizam para entender o mundo”. (BETTI, 2011, p. 2).



por Bourdieu. Segundo o sociólogo (2002), o poder simbólico é sutil e invisível e só pode ser exercido quando quem o pratica não quer saber que o está exercendo ou que não se importa em saber que está sujeito a isso. O poder simbólico passa a ser exercido através de sistemas simbólicos, identificados na arte, na religião, na língua e na mídia. Ainda de acordo com Bourdieu (apud Costa, 2015), é através do acúmulo de poder material e simbólico que esses sistemas funcionam, cumprindo uma função política de imposição e “legitimação da dominação”. Assim, os sistemas simbólicos “contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam”.

Portanto, questionar a construção das mensagens midiáticas, sejam elas verbais ou não, diretas ou subjetivas, é essencial para desmascarar as táticas do machismo, patriarcado e misoginia que ainda estão enraizadas na sociedade e em seus aparelhos tecnológicos, exaltando, assim, a necessidade de produtos e produções midiáticas que sejam de fato transformadoras e parcerias das causas sociais, pois, só assim, os meios de comunicação estarão à serviço do que realmente importa: a equidade dos indivíduos e a construção de uma sociedade justa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **A mente violentada**. Agência Patrícia Galvão, São Paulo. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/a-mente-violentada-por-jessica-almeida/>>. Acesso em: 20 de maio 2016.

BETTI, M. U. **Pierre Bourdieu e a dominação masculina**. São Paulo, 2011.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Traduzido por Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURIGO, J. **Sobre gaslighting, loucura, histeria, fascismo, mídia e machismo**. Casa da Mãe Joana, [S.l.]. Disponível em: <<http://casadamaejoanna.com/2016/04/06/sobre-gaslighting-loucura-histeria-fascismo-midia-e-machismo/>>. Acesso em: 23 de maio 2016.

DA SILVA, TOMAZ T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: DA SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis : Vozes, 2007.

FONTENELLE, A, et al. **Como usar a raiva a seu favor**. Época, São Paulo, ed. 632, 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI150678-17820,00.html>>. Acesso em: 2 maio. 2016

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



KEHL, Maria R. **Vestidas para mandar:** política de saias justas. Revista Teoria e Debate, Fundação Perseu Ramos, Ano 12, n.21, janeiro – junho 1993.

PARDELLAS, S; BERGAMASCO, D. **Uma presidente fora de si.** IstoÉ, São Paulo, v. 2417, 2016. Disponível em: < [http://istoe.com.br/450027\\_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/](http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/)>. Acesso em: 2 maio. 2016.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Campinas, São Paulo, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. WINFRIED, Nöth. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008

SARDENBERG, C. apud COSTA, N. **O Poder Simbólico e a Violência Simbólica.** Não me Kahlo, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.naomekahlo.com/#!O-Poder-Simb%C3%B3lico-e-a-Viol%C3%Aancia-Simb%C3%B3lica/c1a1n/5565451e0cf2adc1ad5ea97a>>. Acesso em: 17 de maio 2016.

TIBURI, M. **Dilma, Janína e “gaslighting”.** Cult, São Paulo. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/04/dilma-janaina-e-gaslighting/>>. Acesso em: 23 de maio 2016.